OS GAFANHOTOS

Oh, como choviam esmeraldas voadoras! O céu incendiou-se de verde onde nem era necessário — todas as fogueiras da costa tomaram essa cor, mesmo as que inchavam nos nossos corações.

Álvaro Sabino

O noivo aproximou-se-lhe da boca, a princípio encontrou os dentes, mas logo ela parou de rir e as línguas se tocaram diante do fotógrafo. Foi aí que o cortejo sofreu um estremecimento de gáudio e furor, como se qualquer desconfiança de que a Terra pudesse ter deixado de ser fecundada se desvanecesse. Já não estavam junto de nenhum altar, mas no terraço do *Stella Maris* cujas janelas abriam ao Índico. No terraço, obviamente, não havia janelas, apenas pilares sobre os quais se estendia uma cobertura suave mas suficientemente protectora para se poder receber um cortejo daquela importância e quantidade. O fotógrafo subiu a cadeiras e desceu até ao chão, de modo a ficar completamente estendido para apanhar o beijo em todas as posições. Por isso, o noivo continuava com os olhos fechados, e ela só de vez em quando abria os seus, e o cortejo aplaudia incessantemente como no final duma ária subtil que certamente não se ouvirá jamais. Pressuroso, o fotógrafo pediu que o noivo tomasse a noiva nos seus braços e a levantasse á altura do peito, junto da vedação que impedia que as pessoas, uma vez debruçadas, caíssem ao Índico. Era majestoso. Ela obedeceu encostou a cabeça ao ombro do noivo, e o noivo olhou ternamente para o rosto dela. Descidos e lânguidos, os olhos dele tinham alguma coisa líquida de peixe quando abriam e fechavam. Ainda ai o cortejo batia palmas, e havia quem transpirasse e tivesse as mãos enrubescidas de tanto aplaudir. Aquele era um momento cheio de encanto.

Então a noiva que tinha chegado apenas na noite anterior, mas a quem todos já chamavam simplesmente Evita, abriu os olhos, e mais do que a quantidade dos convidados, surpreendeu-se com o tamanho exemplar da mesa. As lagostas vermelhas e abertas ao meio estavam dispostas conforme um numeroso cardume. As papaias amarelas estavam cortadas em feitiço de coroa de rei e coroavam a toalha inteira. Os ananases formavam uma pinha no centro, como se fosse o leque dum fantástico e emplumado peru. Ela aproximou-se desse peru, pondo o véu completamente para trás e rindo cada vez mais. Mas de facto, o local que Evita, docemente empurrada pelo noivo, deveria ocupar, não era ao centro — disse o fotógrafo com um gesto amplo — antes na cabeceira, onde havia um bolo de sete andares, com um ramo armado em forma de chuva. Um criado extraordinariamente negro, vestido de farda completamente branca, trouxe uma bandeja com uma espada. A espada era do noivo. Evita pegou na espada e fendeu o âmago do bolo até à tábua. Quando a espada bateu na tábua, aconteceu de entre as mulheres uma delas de vestido sem costas com duas espátulas de cozinha. O Comandante da Região Aérea, que era marido da mulher das espátulas, avançou em primeiro lugar com o seu pratinho para receber uma trancha e aproveitou para estreitar a mão do noivo. O noivo era só alferes e o longo abraço que se seguiu ao aperto de mão, dado desse modo pelo Comandante da Região Aérea, perturbou-o a ponto de estremecer sob a pressão do punho do coronel, ali de passagem a caminho de Mueda. Nunca pela cabeça dum alferes miliciano tinha passado o sonho de que, no dia do seu casamento, houvesse um Comandante de Região que o viesse abraçar; e tudo isso foi captado pelo fotógrafo que tinha subido agora a uma mesa de apoio com toalha, junto da vedação. Dai até que chegasse a orquestra foi só um breve tilintar de copos. Um chupar de tâmaras. Os convidados de novo irromperam em aplausos.

E redobram ainda as palmas quando a pequena orquestra de instrumentos quase todos de sopro começou a soar, tocados por quatro brancos e um negro. O negro ao tocar tinha as bochechas in-

chadas como se quisesse explodir. Toda a música era uma explosão que rebentava na tarde. O Comandante da Região Aérea, de passagem para Mueda, abandonou a mulher das espátulas e tomou a noiva, o noivo tomou a mulher das espátulas que havia acompanhado o marido só para conhecer Six-Miles e regressar logo no avião da manhã, e seguiram-se os pares rodando á volta da mesa imensa.

Rodavam, rodavam os pares. Foi há vinte anos, e ainda não era hábito os pares dançarem desenlaçados uns diante dos outros como outrora os espadachins. Pelo contrário, enlaçados e rodando, todo o espaço que sobejava da longa mesa foi ocupado com a trajetória das ancas, embora sobejassem mulheres apoiadas na grade, porque não se estava em tempo de paz completa. Ainda era de tarde, ainda o Sol estava bem amarelo e suspenso por cima do Índico, a cidade da Beira, prostrada pelo calor á borda dos cais, era tão amarela quanto o ananás e a papaia. A noiva suspirou não de cansaço ou de sono mas de deslumbramento, depois desse suspiro, o Comandante da Região Aérea começou a falar bem alto, como se esperava que falasse.

«África é amarela, minha senhora» — disse o Comandante, apertando pelo carpo a mão de Evita. «As pessoas têm de África ideias loucas. As pessoas pensam, minha senhora, que África é uma floresta virgem, impenetrável, onde um leão come um preto, um preto come um rato assado, o rato come as colheitas verdes, e tudo é verde e preto. Mas é falso, minha senhora, África, como terá oportunidade de ver, é amarela. Amarela-clara, da cor do whisky!»

Rodavam, rodavam sempre, ela de braços muito abertos, estendidos, levantados, para alcançar o alto da farda onde deveria poisar de leve os dedos da mão, em forma de vespa. Aliás, a noiva, sempre de braços abertos como antigamente, quando se fazia adeus a um transatlântico, dançou com um outro coronel, depois com dois majores, e em seguida com três capitães, rindo imenso. Quando teve pausa, nem se Lembrava qual deles lhe tinha dito:

«Ainda é cedo para ter verificado, mas verá que esta é uma das

poucas regiões ideais do Globo! Admire a paisagem, e verá que para ser perfeita, só faltam uns quantos arranha-céus junto à costa. Temos tudo do século dezoito menos o hediondo fisiocratismo, tudo do século dezanove à excepção da libertação dos escravos, e tudo do século vinte à excepção do televisor, esse veneno em forma de écran. Com uns vinte arranha-céus, a casta seria perfeita!»

Evita queria lembrar-se de qual dos oficiais tinha feito a síntese, mas as fardas, para além das riscas que envolviam as mangas, eram extremamente parecidas. As vozes, sendo diferentes, igualavam-se no mesmo modo de intensificar as últimas sílabas como se falassem para serem ouvidos à distância, na amplidão aberta da parada. Quando sussurravam, era com os gestos que sussurravam, e daí que não se lembrasse mais qual deles havia feito aquela admirável síntese. Quem teria sido? Evita não Ode perguntar-se mais do que durante um breve instante. Aproximava-se um par singular quando a mesa já começava a perder a frescura inicial por algumas cascas e muitos pratos retirados dos seus lugares simétricos. Evita tinha os olhos presos do par.

À primeira vista, a singularidade do par provinha sobretudo dela, pois ele apenas parecia transportar mais condecorações do que seria de admitir num homem da sua idade. Grandalhão. Ela, porém, destacava-se de tudo e de todos — dos objectos, da mesa, da fruta, da pinha dos ananases, de todas as coisas cortadas e perfeitas que ainda ali se encontravam. Destacava-se por ela mesma e pela cabeleira que era constituída por uma espécie de molho audaz de caracóis flutuantes que lhe caíam de todos os lados, como uma cascata cor de cenoura, enquanto os cabelos das outras mulheres, por contraste, eram dum castanho-escuro, sarraceno, ora passado a ferro pelas costas abaixo, ora em balão tufado do feitio duma moita, como então se usava. Evita conseguiu perceber também que entre a cor das unhas e a cor do cabelo, apenas havia um tom intermédio. Isso quando ela estendeu a mão. Na mão havia um anel que brilhava intensamente. A singularidade dela não se comparava com a dele.

«Apresento-te um herói» — disse o noivo, como se finalmente tivesse chegado alguém por quem estava definitivamente à espera.

«Que é isso? Gostei mas foi da forma como vocês se beijaram ali, boca na boca. Quem beija assim não é gago» — disse o capitão.

Mas o capitão não continuou porque se ouvia o Comandante da Região Aérea, sobraçando uma garrafa, dizer para algumas mulheres de vestidos sem costas que o tomavam — «Oh! Oh! A guerra! Se não fosse a guerra, *mesdames*, até a calmaria criaria pedra!» E como o comandante avançasse dizendo isso, o noivo e o capitão não puderam trocar outra palavra.

Pena! Ainda era muito cedo para se fechar a tarde, ainda era muito cedo para se falar de guerra, que aliás não era guerra, mas apenas uma rebelião de selvagens. Ainda era muito cedo para se falar de selvagens — eles não tinham inventado a roda, nem a escrita, nem o cálculo, nem a narrativa histórica, e agora tinham-lhes dado umas armas para fazerem uma rebelião... Era muito cedo para se falar do Império, e a orquestra começou a tocar de novo, embora suave, e a voz grave dum branco sem instrumento de sopro cantou, imitando a voz dum negro — *Please, please, please, get out from here tonight...* O frequente contacto entre os oficiais portugueses e os da África do Sul permitia a todos manejar correctamente o inglês, não só em termos de guerra. O próprio Comandante da Região Aérea, que sabia distinguir os momentos de serviço dos momentos de cognac, disse em voz muito alta, abafando toda a música — *Please, get out from here tonight, na direcção* indiscutível dos recém-casados. O fotógrafo aproveitou o riso cúmplice dos noivos. Era um homem sensível, o fotógrafo, e por isso agora já não queria apanhar a mesa nem o bolo. Se apanhasse, o bolo apareceria na fotografia com o aspecto crenado dum coliseu romano em ruína. Os noivos, conduzidos pelo fotógrafo, só agora reparavam que havia ao lado dos ananases uma salva com um envelope, e para cima desse envelope, o capitão atirou de longe um molho de chaves. Devia ser perfeito em basquete porque as chaves atingiram o meio do envelope.

O cortejo percebeu que era o empréstimo do descapotável branco

que ia naquele molho de chaves e aplaudiu de novo, dizendo coisas pícaras de orelha a orelha. O noivo compreendeu completamente a orquestrazinha, o sussurro dos imensos convidados e a pressa do fotógrafo, querendo todos expulsá-los dali, muito antes de chegar a noite. Entornava-se de facto uma atmosfera amarela-clara da cor do whisky, quando foram postos na extremidade do terraço, por entre gargalhadas.

«Achas que os enganámos?» — perguntou Evita no elevador que descia como uma flecha.

«Perfeitamente» -disse o noivo, já no descapotável. «Ficaram a pensar que nos vamos deitar um com o outro pela primeira vez. Grandes *pensadores!*» — O descapotável partiu com um ronco. Era admirável tudo o que tinha acontecido naquele terraço, mas nada terminava ali. Tido estava por começar como no momento em que a tempestade inicia o primeiro sopro.

E assim a noiva deitou a cabeça na cintura do noivo. Agora, . sem malas nem roupas compridas — tinham-nas deixado no pequeno *quarto do Stella* — *sentiam-se* libertos pelas estradas da cidade da Beira que eram planas, como se traçadas sobre a recta duma superfície palustre. Os mangais pareciam vermelhos e cobriam todas as línguas de areia completamente por arrotear. O noivo estava ansioso de planura e quis sentar-se num bar de pau e caniço que sobraçava o mangal. Quando apareceu um bando de aves voando rente ao lodo do mangai — e foi assim que se sentaram — o noivo quis que ela ficasse quieta, mas ele descalçou-se e entrou pelo bando de aves que eram cor de fogo, pernaltas, e pareciam deslocar-se ainda sob o instinto formidável do Génesis. Evita ficou a ver como de facto tudo era laranja e amarelo, mesmo o noivo. À aproximação do noivo, nem todos os pássaros levantaram voo. Com as patas imóveis, erectas, muitos ficaram com os pescoços compridos como alças, dobrando-os e desdobrando-os por cima dos papos. Tinham os olhos postos nos pedaços de peixe do lodo, e não se importavam com o noivo que lhes acenava com os sapatos, gritando imenso. Alguns pareciam

haver perdido a arguta visão de pássaro, e só se afastavam quando o noivo lhes queria tocar. Quando saiu do lodo, o noivo trazia as pernas sujas até acima dos joelhos e havia sido tomado por uma energia irrazoável. Ele saltava entre o mar e a areia, com as calças na mão, e a areia e o mangal, tanto quanto o mar, eram cor de scotch e cor de pruna.

«Eh! *black!*» — gritou imenso na direção do bar.

Como se estivesse à espera, um rapaz apareceu munido dum pano, rindo com formidáveis dentes. Aproximou-se, curvou-se e começou a limpar as pernas do noivo cheias de areia e lodo. Esfregava, esfregava, mas as manchas resistiam e o noivo ria e então, voluntariamente, o *black* foi buscar um recipiente de água e acabou por lhe limpar os pés com um outro pano. O *black* ajoelhou-se no estrado de pau para limpar um a um os dedos do noivo, e quando terminou, retirou-se de recuo, com o recipiente na mão, rindo intensamente e entornando a água. Tremendo e rindo, desapareceu na porta, fechou a porta. Os noivos olhavam-se cheios de ternura. Para além deles não estava ninguém no pequeno bar de caniço, e como o fim do dia era de mais, podiam beijar-se só para eles mesmos, pela boca e pelas orelhas, impelidos sem dúvida pelo instinto de nidificação que suspirava do mundo.

«Voltamos?» — disse ele à beira de desmaiar.

«Claro» — disse ela. Começava a fazer escuro total, à excepção duma barra vermelha. Nessa altura, já perto do *Stella Maris*, haviam começado grandes correrias de negros, e o barulho dos pés contra a terra atingia o terraço. As luzes intensas do hotel, naquela noite, não se espelhavam no Índico só porque a maré estava vazando e a areia secava enquanto uma onda ia e vinha, e o cortejo estava ainda todo dançando e comendo e bebendo, quando se começaram a ouvir correrias pela avenida e gritos do lado do Chiveve, o braço de mar. Mas por isso não valia a pena suspender absolutamente nada do que se estava a fazer e que era dançar e rir intensamente.

«O que é?» — perguntou um convidado, olhando o escuro.

«Possivelmente é já o grito da noiva» — respondeu um major,

rindo imenso com imensos dentes amarelos, um deles sustido por uma anilha de ouro. E continuou a dançar com o par. Mas Evita e o noivo encontravam-se na zona oposta da costa e regressavam pelas ruas de trás ao pequeno quarto onde a música do terraço chegava perfeitamente. Enovelaram-se um no outro. O noivo disse — «Chiu! Separa-nos do outro quarto de dormir apenas um tabique». Foram então para o quarto de banho que era enorme. Atapetaram o chão da amplíssima casa de banho com toalhas retiradas do toaleiro.

«É duro, o chão?» — perguntou o alferes.

«Não, que ideia, apenas liso mas como a superfície dum lago!»

«Que subitamente tem uma onda».

«Várias ondas...»

De repente ouviu-se outro grito, embora fosse o primeiro que os noivos ouviam. «Não tenhas medo» — disse o noivo, saindo de dentro da noiva e espreitando pela abertura da janela. «É apenas o *raté* dum carro». Continuaram estendidos na superfície atalhada da casa de banho enorme, o noivo como se fosse de plástico, aderente, moldado à noiva. Eles não podiam saber, nem lhes convinha saber, o que entretanto era conhecido no terraço. Ai, a atenção centrava-se naquelas correrias que ora recrudesciam ora ficavam engolidas pelo barulho persistente do mar.

«Deixá-los correr» — disse um tenente que já se tinha desfardado e estava agora em camisa com o peito descoberto. «São os senas e os changanes esfaqueando-se. Que se esfaqueiem. São menos uns quantos que não vão ter a tentação de fazer aqui o que os macondes estão a fazer em Mueda. Felizmente que se odeiam mais uns aos outros do que a nós mesmos. Ah! Ah!...» O tenente ainda era um jovem e ria imenso, pensando nos changanes e nos senas às catanadas, os pretos uns contra os outros. O preto do quinteto não tinha problema porque não era nem changane nem sena. Era um mineiro que tinha sido encontrado a vaguear pelo Cabo, e por isso mesmo não sabia uma palavra de português, nem de changane, nem de sena. Estava inocente, e só dizia bem, secundando o branco — *Please, get out from here tonight*. Todos dançavam e riam descontraidamente no

alto do terraço. Agora já tinham descoberto o descapotável parquizado em baixo e imaginavam os noivos estendidos no pequeno quarto, ali tão perto. Mas imaginavam mal. Ninguém podia suspeitar que para fugirem da proximidade do tabique, se tivessem refugiado nos frescos mosaicos onde ela, Evita, via e sentia um lago agitado por vagas. Evita julgou que caía uma tempestade e que o soalho que representava o lago, em princípio liso e frio como um mosaico, sofria a ondulação dum mar. Era um sono leve, era um sono transpirado que sem saberem como, acontecia quando a orquestra, esgotada havia muito, tinha deixado de fazer estremecer a messe e a manhã ameaçava romper a oriente.

«Búfalos?» — perguntou Evita erguendo-se dos turcos, tomada pela sensação absoluta de que estava em África. «Não, meu amor, crianças» — disse o noivo espreitando pela porta. De facto, pelo corredor, várias crianças passavam correndo em camisa de dormir. Atrás, duas mulheres em robes brancos e descalças a caminho do elevador que conduzia ao terraço. As mulheres corriam com os chinelos de quarto nas mãos. Os chinelos eram enfeitados com penugem de ganso.

«Está toda a gente no terraço!» — disse uma das mulheres em robe, virando o rosto esfuziado. Apesar da luz frouxa do corredor, reconheciam-se nos rostos duas das pessoas do cortejo, e nos chinelos que agitavam, a penugem de ganso. Era impossível não ser envolvido. Os noivos também vestiram robes leves, e muito enlaçados, subiram ao terraço. A noiva ia pensando, enquanto o elevador rapidamente partia, como seria bom se houvesse um dirigível cortando o céu. o noivo tapou-lhe a boca com os dedos — sonhar sim, mas não tanto. o elevador abriu. A meio do terraço ainda estava a mesa a que tinha sido retirado o banquete e a toalha, mas permanecia o resguardo, e além da mesa, encostado ao gradeamento, existia o cortejo, à excepção do Comandante da Região Aérea e da mulher com espátulas. Estavam todos em trajes menores, assemelhando-se nisso extremamente à mesa.

«O que será?» — perguntou o noivo.

«Seja o que for, esta é uma noite secreta e memorável».

Aproximaram-se do cortejo. Já tinha evaporado a incerta luz da madrugada, já era manhã, o cortejo olhava para a barra e havia alguns pares de binóculos que passavam de mão em mão. Mas não era para a barra que estavam a olhar e sim para o Chiveve, o braço de mar que ali defronte fazia urna profunda poça, para onde, durante a noite, a água tinha arrastado corpos de gente afogada. Imensos, incontáveis afogados. Mas de que barco? Não se sabia, nem se dava conta de ter havido tempestade que justificasse essa calamidade. Eram inúmeros os afogados. Dois grandes *dumpers* de lixo tinham vindo, antes de o Sol nascer, varrer a tragédia da vista da cidade, e várias carroçarias abertas não tinham sido suficientes para carregar tanto afogado. Nenhum dos presentes — e eram quase tantos quantos no cortejo da tarde anterior — havia presenciado o movimento, mas evocava-se a cor branca das plantas dos pés dos negros, sobresaindo dos *dumpers* que os levavam. Sabia-se também que muitos eram estivadores, homens de potentes músculos, bons nadadores, que facilmente teriam enfrentado as ondas alterosas no caso de as ter havido, e como o mar não estava raso mas apenas se movia com mediana vaga, a situação parecia absurda. Fosse como fosse, o porto corria o risco de ficar parado.

«Por mim, mataram-se à catanada e foram-se atirando ao mar. Só quem desconhece as matanças sazonais, não aventa essa hipótese como a mais provável» — disse o major.

«Pode ser».

Assim, pelo menos, tudo ficaria explicado. O leito do que parecia ser um rio sem o ser — porque o fluxo da água girava ao contrário dum rio — estava cinzento e baço como costuma ficar a água do mar quando pára, mas a mulher dum capitão piloto-aviador dizia distinguir dali uma nítida coloração escarlata. Ela passava os binóculos e pedia que olhassem na direcção duns barracões enegrecidos que se desmantelavam na margem. Outras, pelo contrário, estavam a ver um lastro enorme, não propriamente vermelho, mas cor de ferru-

gem, a cor que o sangue toma diluído na água do sabão.

«Parece que além, às portas do cabaré, ainda estão pilhas deles. Ora enxerguem...» — disse um oficial em robe de seda, fumando cachimbo. Ele indicou a direcção apontando a bola do fornildo e todos viram. Não era preciso utilizar binóculos para se enxergar o *Moulin Rouge* alvejando as pás, lançadas na claridade da manhã. Contudo, nada mais se distinguia entre os telhados e as varandas. De facto, entre um pouco de ramaria e as casas, parecia distinguir-se um amontoado de gente tombada. As cinco velas do moinhozinho eram cinco dedos espetados.

«Numa noite destas devíamos ter ficado acordados. Nunca mais vamos experimentar a emoção que poderíamos ter tido!» — A mulher do capitão piloto-aviador tinha os binóculos do marido colados aos olhos e mexia continuamente no regulador. Ela estava ansiosa por que as horas passassem para ver se o mainato que a servia não seria uma das vítimas levadas pelos *dumpers*. Aliás, todos aguardavam essa hora, cada qual pelo seu mainato que já imaginavam de *pés* hirtos, olhos fechados para sempre, dentro dum terrível carro de transportar lixo. Mas ainda só se trabalhava com suposições, porque a razão verdadeira, essa ainda ninguém sabia.

«Por mim, não tenho dúvidas!»

O major de dentes amarelos, também num belo robe de seda, mas com um dragão pintado nas costas, não tinha dúvidas, e lembrava que os povos vencidos por vezes se suicidam colectivamente. E referiu o que tinha acontecido ao Império Inca, nos Andes, depois da morte de Atahualpa Yupanki. Ora no fundo, toda a gente sabia que se estava a convergir para Mueda e qual o significado disso. Porque não admitir que os povos autóctones daquela terra não se quisessem suicidar? E não seria um gesto nobre? Suicidarem-se colectivamente como as baleias, ao saberem que nunca seriam autónomos e independentes? Nunca, nunca, até ao fim da Terra e da bomba nuclear? O major abriu os braços e o dragão desenrugou a potência da sua língua vermelha, pintada.

«Olhem além, como recolhem um deles, estendido!» — gitou dra-

maticamente junto ao gradeamento, quase caindo sobre a praia do Índico, uma mulher de alferes em *liseuse*. Todos olhavam à vista desarmada para a correria dum *dumper* que evoluía na margem. Afinal, durante a noite, haviam pressentido algo de deslumbrante, mas exaustos do cortejo, tinham mergulhado num sono estúpido sem darem importância às corridas que passavam sob as janelas do hotel *Stella Maris*. Tinha sido pena! Aliás, por que razão haviam sido tão céleres em recolher os corpos? Essa era uma pergunta colectiva mas que só alguns formulavam.

«Deviam tê-los deixado expostos e apodrecidos à luz do dia, para que se pudesse compreender a nossa causa, a nossa presença, a nossa determinação» — disse um pára-queda em pijama de risca que na altura coxeava bastante.

«Sim, se ninguém fotografou nem escreveu, o que aconteceu durante a noite acabou com a madrugada — não chegou a existir. A rádio provincial nem um som sobre o assunto» — disse outro pára-queda, esse já completamente fardado de número dois. Dava pequenas palmadas no receptor, ainda na esperança de que fosse a máquina que estivesse a funcionar mal. Vários dos circunstantes tinham-se virado para o rouco som da rádio.

«Devíamos comprar o jornal» — disse o que coxeava.

«O jornal? O *Hinterland*?» — Uma mulher de alferes não conseguia deixar de ser cínica, ainda que não tencionasse ser, rindo para cima da mesa quase desnuda do banquete. «Oh, esse jornal, esquece, esquece! É quase uma crueldade falar nesse jornal!»

E nisto um dos *dumpers* desapareceu ao longe. As raparigas em chinelo, com penugem de ganso em forma de pompom, estavam prestes a tombar à praia de tanto procurarem seguir um dos carros que viam e entreviam correndo entre os cruzamentos das ruas. O major dos dentes amarelos e anilha doirada segurou em ambas com toda a ternura de que os seus braços eram capazes. Como se depreende, a ternura e o entendimento eram o contraponto daquele arrebatador espectáculo, cujo auge, acontecido durante a noite, era preciso imaginar. A imaginação despertava a ternura.